

HELOISA
HARIADNE

ca
COR
do
AR

Ministério da Cultura, F1rst e Santander
apresentam

HELOISA
HARIADNE

a
COR
do
AR

Curadoria
Aldones Nino

De 14 de março de 2025
a 15 de junho de 2025

Patrocínio



Realização





SUMÁRIO

—

5 Institucional

6 Curatorial

9 Obras

43 Translation

46 Créditos





É com alegria que o Santander, em parceria com a F1rst Digital Services e Ministério da Cultura, abre esta galeria do **Farol Santander** para receber a primeira mostra individual da jovem artista paulistana Heloisa Hariadne.

Com curadoria de Aldones Nino, pesquisador brasileiro, radicado na Espanha, a mostra, que também homenageia as mulheres, traz reflexões em suas pinturas onde memórias, sensações e ritmos se entrelaçam em uma experiência fluida e sensorial.

Suas composições mesclam elementos botânicos e silhuetas do cotidiano, que parecem flutuar sobre fundos adicionados.

Esta mostra apresenta 24 obras, sendo 19 inéditas, entre as quais se destacam 11 telas pintadas e 8 peças em cerâmica como uma das principais novidades marcando uma nova fase na trajetória da artista. Criadas para serem apresentadas em grupos, as peças compartilham a mesma técnica de esmaltação, explorando cor e forma por meio da pintura.

Desejamos que o público se encante com a leveza, as cores e a alegria que essa linda exposição proporciona!

Maitê Leite
Vice-presidente Institucional



O AR, INVISÍVEL TECIDO DO MUNDO

—

O ar, embora intangível, é o fio invisível que tece tudo ao nosso redor, uma trama delicada que une o céu à terra, um espaço onde a luz se derrama, possibilitando que as cores vibrem e a intensidade revele sua presença. Na pintura de Heloisa Hariadne, o ar se transforma no cenário em que a forma se dissolve, possibilitando que a emoção ganhe textura. Processo evidenciado por títulos poéticos que expandem as interpretações possíveis e estabelecem conexões entre o que ela experienciou e o que materializou no mundo.

O ar, em sua invisibilidade, oferece um desafio: como dar forma ao que não se vê?

Para Hariadne, o ar é simultaneamente um campo visual e auditivo: um espaço onde o som e a luz reverberam em sincronia. Pintar o ar é “acordoar” o mundo – dar-lhe contorno, ritmo e cor, como se a atmosfera ao nosso redor fosse dotada de uma plasticidade que solicita uma constante reinvenção. Podemos encontrar, além de elementos botânicos, outras silhuetas cotidianas que parecem flutuar sobre um fundo posteriormente adicionado às suas composições. A artista sugere que seu processo criativo, em parte, se fundamenta na organização de elementos que já existem em seu interior e que, posteriormente, são plasmados na tela, como uma materialização de ideias que habitavam seu imaginário e buscavam se manifestar, ocupando um lugar no mundo.

Essa transposição entre mundos interiores e a realidade material de nosso tempo é fundamentada em processos que emergem como respostas ao entorno que a cerca. O ar, nesse contexto, seria como uma névoa densa, capaz de assumir uma cromaticidade que não se revela pelas leis da ótica, mas pelos sentimentos e sonhos que nos envolvem.

Em 1943, Gaston Bachelard publicou *O ar e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação do movimento*¹, obra na qual, logo no início, apresenta sua definição de imaginação, uma faculdade essencialmente ativa, criadora e dinâmica, que não se limita a reproduzir imagens, mas as utiliza como ponto de partida para conceber novas realidades psíquicas, transformando e enriquecendo a experiência humana. Uma audácia diante da estabilidade da realidade, algo que encontra paralelos na prática de Heloisa, que ao observar as nuances do mundo que a cerca, transforma esse entorno em algo passível de ganhar forma e atmosfera, organizando-o em camadas e cores contrastantes.

Para Bachelard, o jardim transcende a simples representação da natureza, pois sua observação poderia evocar o poder criativo da imaginação, compreendido como um mergulho em um universo de transformações contínuas que se interpenetram. Uma força não se limita a reproduzir o mundo concreto, mas o recria, movimentando-se abrindo caminho para novas realidades poéticas.

¹ Esta obra integra uma série de estudos nos quais Bachelard explora a imaginação poética relacionada aos quatro elementos clássicos (fogo, água, ar e terra) investigando como esses temas influenciam a imaginação humana e a criação poética.

Essa visão encontra eco nas obras da artista, que, tal como a figura do jardim bachelardiano, apresenta criações que nos convidam a explorar o imaginário, penetrando nas múltiplas camadas em que a materialidade da pintura dialoga com imagens etéreas que despertam associações, movimentos e sensações. Longe de se fixarem em formas estáticas, suas obras buscam expressar o dinamismo do ambiente que nos cerca, instaurando um universo pictórico que desafia a rigidez da percepção convencional. Não se restringindo ao registro de um instante, mas irradiando o que o filósofo chamou de "auréola imaginária" – a capacidade de uma imagem de evocar outras imagens, sensações e devaneios. Uma qualidade que expande a experiência estética, transportando-nos para um espaço de pura imaginação. O verdadeiro poder dessas imagens reside no dinamismo, não na forma fixa: elas não são pontos de chegada, mas de partida, abrindo caminhos para percursos imaginários pouco explorados.

Na obra de Heloisa Hariadne, a transição entre a pintura e a cerâmica ocorre organicamente, como se os elementos do ar e da terra se entrelaçassem em sua prática. Se, em suas pinturas, o ar é o espaço onde luz, cor e movimento ganham forma, nas cerâmicas esse princípio continua presente: a textura e o volume do barro tornam-se a materialização tangível de atmosferas invisíveis. Suas mãos moldam a terra para dar corpo às nuances de energia que conectam céu, ar e chão.

Essa continuidade revela um *modus operandi* em que os elementos não se separam, mas se complementam, traduzindo a vitalidade que permeia tanto a superfície da

tela quanto as camadas de argila moldadas pelo gesto criativo. Na interação entre materialidades e texturas, a terra transcende sua função como base nutritiva da vida, tornando-se uma substância criativa, transformada pela rigidez imposta pelo fogo. Nesse processo, a energia da terra dá forma a uma reflexão sobre os fluxos vitais que nos atravessam.

Os caules, por sua vez, surgem como formas evocativas desse elo elementar: canais de transferência de energia que conectam céu e terra, traduzindo a força nutritiva em formas orgânicas. Em suas cerâmicas, esse princípio elementar ganha uma dimensão poética, aludindo a um ciclo contínuo de transformação e interconexão. As superfícies das obras, marcadas por texturas que lembram a irregularidade – fissuras, veios, poros –, revelam não apenas a materialidade da terra, mas um diálogo com a fatura carregada de suas pinturas.

Quando Heloísa dissolve paisagens, ela "acordoa" o olhar, entrelaçando harmoniosamente elementos, como um músico que compõe a melodia sutil de uma manhã. Cada pincelada torna-se uma tentativa de capturar esse tecido invisível e revelar aquilo que sustenta o mundo: a simbiose entre tudo que vive. O ar não é apenas uma atmosfera; é o palco onde a luz dança e o tempo respira – uma metáfora para a vida e a conexão, que envolve o humano e dilui as fronteiras da separabilidade, oscilando entre o presente e uma memória inscrita no invisível.

Aldones Nino
Curador





No esconderijo de só o que vejo, 2024

Óleo sobre tela
98 x 77,5 cm

Em *No esconderijo de só o que vejo*, a artista transcende a linearidade do tempo, plasmando em sua pintura formas e vidas que marcaram sua imersão na Grécia.

Com cores quentes e ondulações, a obra ressoa como uma memória suspensa, em que lembrança e matéria se entrelaçam sob o firmamento.



No esconderijo de só o que vejo, 2024

Óleo sobre tela
98 x 77,5 cm



Tão quente quanto o sol, 2024

Óleo sobre tela
180 x 150 cm

Em *Tão quente quanto o sol*, a artista tensiona a mente até o extremo da figuração do calor, transmutando sensações que limitam a capacidade do sentir.



Tão quente quanto o sol, 2024

Óleo sobre tela
180 x 150 cm



Detalhe que é bom de se encontrar quando se vê, 2024

Óleo sobre tela
119 x 77 cm

Já em *Detalhe que é bom de se encontrar quando se vê*, a percepção se alarga, revelando a pureza da alegria capaz de ser contida nos pequenos encontros com o real.



Detalhe que é bom de se encontrar quando se vê, 2024

Óleo sobre tela
119 x 77 cm



Nenhum tempo será o bastante, 2024

Óleo sobre tela
164 x 124,5 cm

Em *Nenhum tempo será o bastante*, brotos, bulbos e pistilos revelam a diversidade de cores e formas, em que água e sol se esvanecem um no outro, como recordações celulares sobre um fundo plasmado de matizes. Ali, sugerem-se múltiplos estágios vitais, instantes que se sobrepõem e se dissolvem no fluxo contínuo da existência.



Nenhum tempo será o bastante, 2024

Óleo sobre tela
164 x 124,5 cm



Talvez o espelho não suporte me mostrar quem sou, 2024

Óleo sobre tela
96 x 78 cm

Já a autocompreensão da artista se confronta com a incomensurabilidade de sua própria existência diante de uma superfície de reflexão. *Talvez o espelho não suporte me mostrar quem sou* traduz o dilema entre identidade e imagem, entre o que se revela e o que escapa ao olhar.



Talvez o espelho não suporte me mostrar quem sou, 2024

Óleo sobre tela
96 x 78 cm



Os sonhos não lembrados, 2024

Óleo sobre tela
111 x 78 cm

A metáfora do sonho é rica em simbolismo, desvendando camadas da imaginação, da psique humana e da tênue relação entre realidade e fantasia. Um dos primeiros desafios que os sonhos nos impõem é a própria capacidade de lembrar. Heloísa, por sua vez, se apropria dessa possibilidade em *Os sonhos não lembrados*, obra na qual nos convida a vislumbrar os sonhos primordiais da gênese da existência, em que casulos emergem evocando ciclos de criação e transformação.



Os sonhos não lembrados, 2024

Óleo sobre tela
111 x 78 cm



*Queria ter seu céu para conseguir voar com
minhas asas, 2024*

Óleo sobre tela
120 x 90 cm



Quería ter seu céu para conseguir voar com minhas asas, 2024

Óleo sobre tela
120 x 90 cm



*Bons sonhos no mundo
das conchas, 2024*

Óleo sobre tela
120 x 150 cm



Bons sonhos no mundo das conchas, 2024

Óleo sobre tela
120 x 150 cm



Às vezes sinto que vale a pena ser salva, 2023

Óleo sobre tela
201 x 97x 4 cm

As obras de Heloisa Hariadne encontram-se com a ideia da Metáfora do Voo, pois propõem a fluidez e o desvanecimento do peso material como limite ao movimento. A imaginação, assim, descobre um modo de libertação diante das leis da física e do aprisionamento do corpo ao chão.

Em obras como *Às vezes sinto que vale a pena ser salva*, *Queria ter seu céu para conseguir voar com minhas asas* e *Bons sonhos no mundo das conchas*, corpos e seres alados flutuam como se diluídos no ambiente, movendo-se em frequências distintas, em que a leveza se torna metáfora para a liberdade e a conexão com o entorno.



Às vezes sinto que vale a pena ser salva, 2023

Óleo sobre tela
201 x 97x 4 cm



Flor de fogo, 2025

Óleo sobre tela
120 x 120 cm

A fragilidade de uma flor encontra sua própria contradição ao se transmutar em *Flor de fogo*, na qual a delicadeza se inflama e o sonho dá forma a materialidades mais complexas.



Flor de fogo, 2025

Óleo sobre tela
120 x 120 cm



O inexplorável ainda vive sobre as águas, 2024

Óleo sobre tela
200 x 165 cm

Por sua vez, *O inexplorável ainda vive sobre as águas* lança o olhar para os oceanos e mares, territórios não esgotados pela ambição humana, geografias pulsantes de vida e descobertas ainda por vir, em que o corpo pode descansar tendo a imaginação como passagem a territórios remotos.



O inexplorável ainda vive sobre as águas, 2024

Óleo sobre tela
200 x 165 cm



Ecos da noite, 2025

Óleo sobre tela
100 x 60 cm

Em ***Ecos da noite*** (2024), as formas fluidas interrogam a continuidade das memórias, em que noite e dia se dissolvem na lembrança, trazendo o passado à superfície do presente.



Ecos da noite, 2025

Óleo sobre tela
100 x 60 cm



Pétalas que choraram sem conseguir respirar nos céus em busca de vida, 2023

Acrílica sobre tela
180 x 271 x 4 cm

Até mesmo o universo vegetal flutua, desprendendo-se do solo e de suas limitações terrenas, abrindo-se a um infinito que espreita e pulsa como pano de fundo para nossas origens celestiais e estelares – como em *Pétalas que choraram sem conseguir respirar nos céus em busca de vida*.



Pétalas que choraram sem conseguir respirar nos céus em busca de vida, 2023

Acrílica sobre tela
180 x 271 x 4 cm



*A sua voz é o único som que não
para de tocar, 2024*

Óleo sobre tela
152 x 162 cm

A sonoridade emerge em *A sua voz é o único som que não para de tocar*, em que aparatos sonoros evocam a doçura de um abraço e a transposição entre estados mentais, tecendo uma musicalidade que colore o mundo de matizes inauditas, reveladas apenas pela escuta atenta.



A sua voz é o único som que não para de tocar, 2024

Óleo sobre tela
152 x 162 cm



*Enquanto o tempo se jogou do círculo
e tudo foi achado, 2024*

Óleo sobre tela
170 x 110 cm

O tempo também adquire um caráter poético, extrapolando as limitações da estabilidade. Em *Enquanto o tempo se jogou do círculo e tudo foi achado*, vemos formas que evocam o mundo mineral, vegetal e animal, diluindo-se em camadas – a vida mesclando-se numa dança.



Enquanto o tempo se jogou do círculo e tudo foi achado, 2024

Óleo sobre tela
170 x 110 cm



De onde o sol veio eu quero voltar, 2025

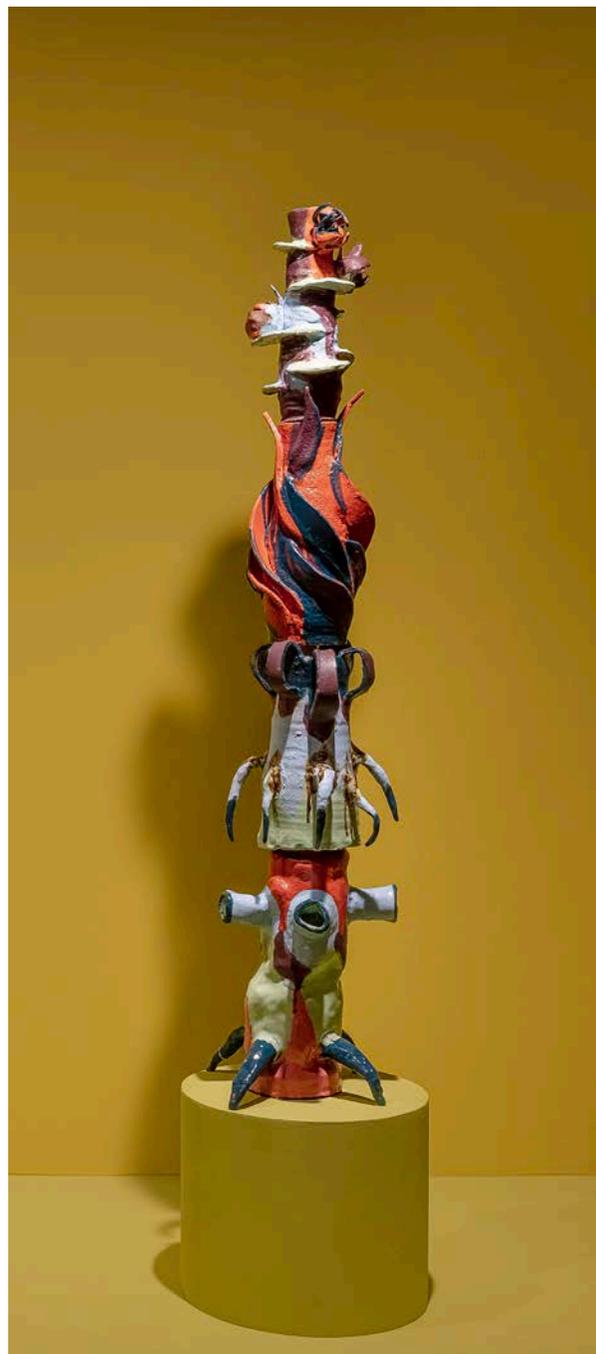
Óleo sobre tela
60 x 80 cm

De onde o sol veio eu quero voltar tem o ovo como centro da composição, símbolo da origem e da continuidade, uma ode à forma oval e ao mistério da grandiosidade da criação e da germinação.



De onde o sol veio eu quero voltar, 2025

Óleo sobre tela
60 x 80 cm



A sustentação em um suspiro, 2025
O impulso vital de expandir, 2025

Cerâmica esmaltada
Dimensões variadas

Se na pintura o ar se dissolve em cores e vibrações, na cerâmica ele se enraíza na terra, adensando-se em matéria sensível, moldada entre as mãos. As formas surgem como caules, elos verticais que conectam o subterrâneo o supraterrâneo, canais onde a energia se desloca entre profundezas e alturas.

A artista modela o barro como quem tenta capturar o instante quando o sólido ainda guarda a memória do fluido, quando o gesto ainda reverbera na superfície. Os caules de argila sustentam-se como símbolos da nutrição e do crescimento, atravessando o espaço como condutores de força vital.

Como raízes que rompem a terra em busca de luz, ou como hastes que sustentam folhas em direção ao céu, suas cerâmicas parecem suspensas entre estados - momentaneamente interrompidas no fluxo de sua metamorfose, mas ainda pulsando com a promessa de movimento.





*It is with great joy that Santander, in partnership with F1rst Digital Services and the Ministry of Culture, opens this gallery in **Farol Santander** to host the first major solo show by the young São Paulo artist Heloisa Hariadne.*

Curated by Aldones Nino, a Brazilian researcher based in Spain, this exhibit, which also pays homage to women, brings reflections in her paintings in which memories, sensations and rhythms are intertwined in a fluid, sensory experience. Her compositions blend botanical elements and everyday silhouettes, which seem to float against added backgrounds.

This exhibition presents 24 works, 19 of which are brand new. Of them, 11 painted canvases and eight ceramic pieces stand out as major novelties that characterize a new phase in the artist's trajectory. Created to be presented in groups, the pieces share the same enameling technique, exploring color and shape through painting.

We hope the public will be enchanted by the lightness, colors and joy that this lovely exhibition provides!

Maitê Leite
Institutional Vice President



AIR, THE INVISIBLE FABRIC OF THE WORLD

Though intangible, air is the invisible thread that weaves together everything around us, a delicate mesh that unites heaven and earth, a space where light spills out, allowing colors to vibrate and intensity to reveal its presence. In Heloisa Hariadne's paintings, air becomes the setting in which form dissolves, allowing emotion to gain texture. A process evidenced by poetic titles that expand possible interpretations and establish connections between what she has experienced and what she has materialized in the world.

Air, in its invisibility, offers a challenge: how to give form to what is not seen?

For Hariadne, air is simultaneously a visual and auditory field: a space where sound and light reverberate in sync. To paint the air is "to tether" the world – giving it outline, rhythm and color, as if the atmosphere around us were endowed with a plasticity that calls for constant reinvention. In addition to botanical elements, we also find other everyday silhouettes that seem to float on a background later added to her compositions. The artist suggests that her creative process is, in part, rooted in the organization of elements that already exist inside her and which are, later, enshrined on the canvas, as a materialization of ideas that inhabited her imagination and sought to manifest themselves, occupying a place in the world. This transposition between inner worlds and

the material reality of our time is based on processes that emerge as responses to the environment that surrounds her. In this context, air is like a dense fog, capable of assuming a chromaticity not revealed by the laws of optics, but by the feelings and dreams that surround us.

In 1943, Gaston Bachelard published "Air and Dreams: An Essay on the Imagination of Movement"¹, a work in which, right at the beginning, he presents his definition of imagination, an essentially active, creative and dynamic faculty not limited to reproducing images, but which uses them as a starting point to conceive new psychic realities, transforming and enriching the human experience. An audacity in the face of the stability of reality, something that finds parallels in Hariadne's practice. When observing the nuances of the world that surrounds her, the artist transforms this environment into something capable of taking on shape and atmosphere, organizing it in contrasting layers and colors.

For Bachelard, the garden transcends the simple representation of nature, as its observation could evoke the creative power of imagination, understood as an immersion into a universe of continuous transformations that interpenetrate one another. A force is not limited to reproducing the concrete world; instead, it recreates it, moves and opens the way to new poetic realities.

¹ This work is part of a series of studies in which Bachelard explores the poetic imagination related to the four classical elements (fire, water, air and earth), investigating how these themes influence human imagination and poetic creation.

This vision is echoed in the works of the artist, who, like the figure of the Bachelardian garden, presents creations that invite us to explore the imaginary, penetrating the multiple layers in which the materiality of painting dialogues with ethereal images that awaken associations, movements and sensations. Far from being set in static forms, her works seek to express the dynamism of the environment that surrounds us, establishing a pictorial universe that challenges the rigidity of conventional perception. Not restricted to the record of an instant, rather, they radiate what the philosopher called the "imaginary halo" - the ability of an image to evoke other images, sensations and daydreams. A quality that expands the aesthetic experience, transporting us to a space of pure imagination. The true power of these images lies in the dynamism, not in the fixed form: they are not points of arrival, but of departure, opening paths for imaginary paths largely unexplored.

In Heloisa Hariadne's work, the transition between painting and ceramics occurs organically, as if the elements of air and earth intertwined in her practice. While, in her paintings, air is the space where light, color and movement take shape, this principle remains present in the ceramics: the texture and volume of clay become the tangible materialization of invisible atmospheres. Her hands shape the earth to give body to the nuances of energy that connect sky, air and ground.

This continuity reveals a modus operandi in which the elements are not separated, but complement each other, translating the vitality that permeates both the surface of the canvas and the layers of clay shaped by the creative gesture. In the interaction between

materiality and textures, earth transcends its function as the nourishing basis of life, thus turning into a creative substance, transformed by the rigidity imposed by fire. In this process, the energy of the earth forms a reflection on the vital flows that pass through us.

The stems, in turn, emerge as evocative forms of this elementary link: channels for the transfer of energy that connect heaven and earth, translating the nutritional force into organic forms. In her ceramics, this elementary principle takes on a poetic dimension, alluding to a continuous cycle of transformation and interconnection. The surfaces of the works, marked by textures that resemble irregularity - fissures, veins, pores - reveal not only the earth's materiality, but a dialogue with the charged production of her paintings.

When Hariadne dissolves landscapes, she "awakens" the gaze, harmoniously interweaving elements, like a musician who composes the subtle melody of a morning. Each brushstroke becomes an attempt to capture this invisible fabric and reveal what sustains the world: the symbiosis between every living thing. Air is not just atmosphere; it is the stage where light dances and time breathes - a metaphor for life and connection, which envelops the human and dilutes the boundaries of separability, oscillating between the present and a memory inscribed in the invisible.

Aldones Nino
Curator

SANTANDER BRASIL

Presidente

President
Mario Leão

Vice-Presidente Executiva Institucional

Executive Vice President – Institutional
Maitê Leite

Head – Experiências & Cultura

Head – Experiences & Culture
Bibiana Berg

FAROL SANTANDER SÃO PAULO

Head – Faróis Santander São Paulo e Porto Alegre e Coleção Santander Brasil

Head – Faróis Santander São Paulo and Porto Alegre & Santander Brazil Collection
Carlos Eugênio Trevi

Especialista – Exposições

Exhibitions Specialist
Danielle Domingues

Especialista – Eventos

Events Specialist
Catuscia Michelin

Especialista – Comunicação

Communications Specialist
Gustavo Rosa Favaro

Estagiária

Intern
Eduarda Souto Silva

Jovem Aprendiz

Young Apprentice
Gustavo Almeida da Silva

Gestão Predial

Building Management
Barbara Rema
Mauricio Tadeu de Nobrega
Tools Digital Services

Caio Guimarães

Geany Xavier
Cushman Wakefield

Manutenção Predial e Missão Crítica

Building Maintenance and Critical Mission
Leandro Avelino Dantas
Tools Digital Services

Manutenção Predial

Building Maintenance
Adair Fernando
Andre Luis da Silva Santos
Andre Luis Ribeiro de Andrade
Andre Luiz de Sousa
Antonio Carlos Dias Caetado

Cláudia Ricci
Davi da Silva Santos
Diogo Wiliam
Edilson Patricio
Enzo de Lima Lucas
Evandson Vieira
Francisco Wanderson
Giovanni Sanches
Luis Carlos Rodrigues
Mauro Silva Marques
Pedro Atila de Jesus Rocha
In Haus

Rian Pereira Santos
Manserv

Áudio e Vídeo

Audio & Video
Marcelo Nunes
Victor Luis Rodrigues Santos
Empresa SEAL

Coordenadora de Assistentes Culturais

Cultural Assistants Coordinator
Joelma Lopes da Silva
Sympla

Assistentes Culturais

Cultural Assistants
Ana Clara Dantas Beserra
Ana Júlia Lima Ferreira
Antonny Oliveira da Silva
Azeni Lucas dos Santos
Debora Cristina Penha
Ettore Thierry de Lima Leite
Fabiana Santos Minas Monteiro
Fernanda Muniz Damasceno Jorge
Fhayla Marina de Oliveira Xavier
Francielle Aparecida Custódio
Gustavo Silva de Oliveira
Hellen Sousa Gomes de Oliveira
Isabel Santos Limeira da Silva
Leonardo Paixão de Azevedo
Lucas Miguel de Almeida
Mariana Galves Figueiredo
Sympla

Especialista de Segurança

Security Specialist
Renato Ferreira dos Santos

Supervisor de Segurança

Security Supervisor
Edson Costa
Grupo Espartaco

Inspetor de Segurança

Security Inspector
Helio Gonçalves da Silva
Grupo Espartaco

Bombeiros, Vigilantes e Controladores de Acesso

Firefighters, Guards, and Access Controllers
Alexandre Antônio da Silva
Alexandre Mariano de Souza
Alex Saraiva Belo
Alisson Gabriel Tavares Pina
Allan Vital da Silva
Ana Claudia da Silva
Anne Caroline B. Carrijo da Silva
Antônio Adryel Martins
Antonio Carlos Pires
Antonio Raimundo C. de Jesus
Beatriz Almeida dos Santos
Carlos Alexandre Jesus
Danilo Pereira Belo
Denis Franciscus Alves Silva
Edson Andre da Silva
Emiliano da Silva
Everaldo Antônio da Silva
Fabiana X. dos S. Nascimento
Felipe Adorno Ikeda
Flavio de Oliveira Lobo
Gerson A. de Melo Oliveira
Gianluca Ribeiro Galli
Gilmar Santana Hipólito
Gilmara Santana
Gleison da Silva Souza
Guilherme Castelo Teixeira
Guilherme Eduardo Oliveira
Iranilson Candido Silva
Jair Alves Pires
Jean Paulo Martins Santos
Jesilene Lopes de Moraes
João Cesar Santos
Josenil Sandes Santos
Juliana Santos da Silva
Leandro Bueno
Leo Jaime Cruz Almeida
Lilian dos Santos Brito
Luiz Felipe Correia de Freitas
Luiz Fernando Inacio Silva
Maria Aparecida Pimentel
Mariana Souza Dias
Milton Aleixo de Souza Junior

Nádia Aleixo de Souza
Pedro Cremildo de Souza
Regiane Marrichi Rufino
Rodrigo Faustino Miranda
Ruan Pedrosa Cavalcante
Sebastião Arodo de Lima
Sebastião Rabelo da Silva
Sergio Carrara
Sidney Costa de Lima
Sinatiely Lorena da Silva Avelino
Tiago Oliveira de Souza
Ulisses Caetano de Oliveira
Victor Hugo Lima de Souza
Vinicius Alexandre R. Leitão
Vinicius Maturchi Santos
Willian Caetano de Oliveira
Grupo Espartaco

Recepção

Reception
Adrieli Batista
Luana Ferreira de Paula
Empresa OSESP Serviços

Coordenação de Limpeza Predial

Building Cleaning Coordination
Ana Lucia Alves de Sousa
Fabiana Silva de Jesus
Joana Darc
Grupo GPS

Limpeza Predial

Building Cleaning
Alessandra da Costa
Aline Ferreira Florencio dos Santos
Caio Henrique
Carolina Beatriz
Elizabeth Maria do Nascimento
Gilvan Augustinho
Glauce Beatriz
Jefferson de Oliveira
Jessica da Silva
Jessica Santos de Almeida
Jhonatan Rodrigues Pereira
Joselita Nascimento
Josiane Jesus
Josilda Bispo Pereira
Maria Andressa da Costa Ricardo
Maria Eliane
Nancy Mara
Poliana de Almeida
Raimundo Clerio
Rodrigo Santana
Valdenice Costa
Wesley Serafim
Grupo GPS

HELOISA HARIADNE A COR DO AR

Curadoria

Curator
Aldones Nino

Organização Geral

General Organization
GWA

Produção Executiva

Executive Production
Angela Magdalena | Madai
Julia Brandão | Ayo Cultural

Coordenação de Projeto

Project Coordination
Lara Maia

Assistente de Produção

Production Assistant
Carolina Rousseau

Projeto Expográfico

Exhibition Design
Adriana Yazbek

Assistente de Projeto Expográfico

Assistant to Expography
Luiza Ho

Projeto Gráfico

Graphic Design
Laura Brandão

Projeto de Iluminação

Lighting Design
MMV

Primeira Opção

Montagem

Art Handling
Breno Brasil
José Andery

Cenografia

Cenography
Artos

Produção Flores - Instalação entre Andares

Flowers - Installation Between Floors
Los3Florerros

Impressões e Plotagens

Printing and Plotting
Indústria Visual

Ação Educativa

Education
Joseph Motta
Arte Próspera

Mediadores

Education Team
Andressa Balarin
Carlos Almeida
Débora Helena
Erika Novais
Stefanon Bailiot

Conservação e Restauração

Conservation and Restoration
Mariane Tomie Sato
Atelier Raul Carvalho

Revisão

Proofreading
Cícero Oliveira

Tradução

Translation
Matthew Rinaldi

Assessoria de Imprensa

Press Office
Marra Comunicação

Gestão Financeira

Financial Management
Nelma Alos
Tatiane Monteiro

Seguro

Insurance
Howden Brasil

Logística e Transporte

Logistics and Transportation
Millenium Transportes

Agradecimentos

Acknowledgments
Carlos Alberto
Claudiane Iago
Giulia Bertho
Gonsalez Junior
Heloisa Helena
Issa Silva
Larissa Cunegundes
Roberto Ortega
Rony Hernandez
Sheila Franco
Sthefany Brandão
Taciane Barros
Wesley Brandão

Galeria Leme

Patrocínio



Organização



Produção



Realização






FURROL
— SANTANDER —
SÃO PAULO